

RELATÓRIO

45º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2023

CRÍTICA: SIMONE CARLETO

DIA: 14/11/23

CATEGORIA: ADULTO

PEÇA: VIENEN POR MÍ

GRUPO: FÁBIA MIRASSOS

CIDADE: SÃO PAULO - SP

Para gostar de ler pessoas: no palco a diversidade em foco

Por Simone Carleto¹

“He sido tan odiada que tengo razones para escribir.
Nunca fui una esperanza para nadie.
Junto las letras y escribo mediocrementemente sobre este vacío.
Escribo porque no he sido la única.
Con mis amigas travestis hemos sido rechazadas
porque el cuerpo es sagrado y con él no se juega.
Por eso escribo, por todas las travestis que no alcanzaron a saber que estaban vivas, por la culpa
y la vergüenza de no ser cuerpos para ser amados y murieron jóvenes antes de ser felices.
Murieron sin haber escrito ni una carta de amor”
(*Cuerpos para Odíar*- Claudia Rodríguez)

Vienen Por Mí se abre como uma possibilidade de lermos o mundo. A curadoria do 45º Feste, Festival Nacional de Teatro de Pindamonhangaba, acerta grandemente ao selecionar o espetáculo nessa contextualidade histórica. No prólogo da obra, Fábía Mirassos profere palavras que podem ou não ser originalmente dela, mas que se amplificam

¹ Crítica do 45º Feste. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre, doutora e pós-doutoranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, professora e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

e materializam em sua voz no palco, reverberando verdades na “cara da sociedade”. Parte do texto apresenta a relação da atriz-personagem com a literatura e a coleção Para Gostar de Ler, com a qual tivera contato e que estimulara o gosto pela representação teatral. Agora é Fábía que nos leva pela mão, com acolhimento e contundência, a aprender a ler pessoas, para muito além do que (não) nos ensinaram. *Vienen Por Mí* como título pode indicar a vinda de pessoas por ela que escreve o texto-poético-manifesto, Claudia Rodríguez. A dramaturga chilena revela alguns dos motivos que fazem com que homens procurem o corpo travesti e como se dá parte da relação com elas: com violência, marcada pelo ódio, pelas necessidades dos homens que procuram as travestis resolverem seus problemas sexuais, de relações de gênero e afetivos. A tradução do texto por Carol Vidotti e Malú Bazan não converteu a expressão para o português, o que situa em uma territorialidade ampla o espetáculo-acontecimento idealizado e performado pela atriz Fabia Mirassos. Com direção de Janaina Leite e assistência de direção de Emilene Gutierrez, a narrativa apresenta o universo particular de pessoas travestis em face da sociedade capitalista patriarcal, violenta, hipócrita, preconceituosa e, portanto excludente. Como se não bastassem esses “atributos malévolos”, é uma sociedade que assassina pessoas trans e travestis. De acordo com dados da Agência Brasil produzidos em 2023, O Brasil foi considerado pelo 14º ano consecutivo o país com mais mortes de pessoas trans e travestis no mundo. Segundo o Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), países como México e Estados Unidos aparecem em segundo e terceiro lugares, respectivamente. Em 2022, além das 131 pessoas trans e travestis assassinadas no país, outras 20 tiraram a própria vida, decorrente dos processos de discriminação e preconceito. A maior parte das mortes foi de mulheres trans e travestis entre 15 a 40 anos. *Vienen Por Mí* como camada dramática traz à tona uma possibilidade de reparação social às travestis, sendo que o público pode vir buscá-las ao ouvir suas palavras, cada uma delas repleta de sentidos, a partir do mote “Sobre o que temos que falar, nós, as travestis?”, questão central essa desdobrada na fala narrada por Ave Terrena: “Como, de que forma nós as travestis temos que falar?”. Em cena, uma mesa de vidro translúcido incolor, uma cadeira, instrumentos cortantes de cozinha, um ralador, com os quais serão cortados os pães e as beterrabas cozidas que comporão canapés de beterraba com limão siciliano, elaborados em cena por Fábía. ao lado dessa parte da cenografia, está a mesa da técnica que também traz notícias sobre assassinatos de travestis, assim como imagens fotográficas dessas pessoas. Além dessas vozes citadas, há as vozes em off com narrativas de Maria Leo Araruna e Renata Carvalho. A sonoplastia é de Ultra Martini. Toda essa dramaturgia de cena é desenhada

também pela luz de Aline Santini, muito habilmente operada por Aldrey Hibbeln, que acompanha o ritmo preciso de Fábica Mirassos em sua movimentação coreográfica em cena.

A atriz recebe o público na boca de cena, com um vestido branco e descalça. Ela está com os cabelos soltos, com maquiagem suave e apresenta-se belíssima. Está à espera de pessoas como que abrindo sua casa, sua intimidade jamais imaginada. Em dado momento, ela passa a caminhar pelo espaço da plateia, dizendo de como os homens a procuram, narra alguns detalhes, e ao dizer frases como “me toca antes”, oferece parte de sua mão ao toque de algumas pessoas do público. É comovente, de uma sensibilidade ímpar, e um ato de extrema coragem cênica, de uma entrega que arranca de nós a perspectiva de nossas percepções sobre nossas noções de gênero e sexualidade. Após a apresentação na programação do 45º Feste, no Teatro Galpão de Pindamonhangaba, durante o bate-papo, foram levantadas palavras e percepções do que foi visto, sentido, entendido em contato com a obra, e nota-se como as camadas dramatúrgicas tecidas em cena pela dramaturgia de texto, da atuação e da encenação. Os figurinos compõem esse tecido, e foram elaborados por Fabia Mirassos e Salomé Abdala. Quando há o primeiro relato sobre travestis assassinadas é que inicia a cena culinária, quando Fábica descasca e rala a beterraba, e a cena vai se avermelhando, podendo ser todo o encadeamento ser lido como ensanguentamento simbólico do espaço, remetendo às mãos sociais coletivas sujas de sangue inocente, sangue vertido pela intolerância social, por não se aceitar ser o que se é e não se aceitar que outrem sejam o que desejam ser. Um pano de prato é contorcido e “tingido” pelas mãos que processam as beterrabas. Elas são raladas com diferentes intenções, intensidades e velocidades. Promovendo atenção às narrativas que povoam também coletivamente a cena, e mostram a força do movimento social reivindicante dos justos lugares a serem ocupados pelas pessoas trans e travestis, lugares a serem ocupados por tudo que é repellido por ser relacionado ao feminino. Nesse sentido, o como falar de Fábica Mirassos é sussurrado ao microfone, é dito calmamente enquanto transita do branco ao vinho, empunha a taça e o líquido da bebida depurada, brindando a chegada do público a essa representatividade e legitimidade. Depois de tudo pronto, o espetáculo termina, fica o gosto do querer estar mais perto, dos aromas constituídos pelas combinações dos elementos em cena convocando a olhar mais diversamente a realidade. Fábica convida o público a degustar os canapés, aliás bastante saborosos, equilibradíssimos em textura, acidez, refrescância. E generosamente nos proporciona um diálogo pós-espetáculo regado a importantes reflexões acerca dessas temáticas tão contemporâneas, urgentes, e que têm no teatro um relevante espaço de

discussão ética-estética, e que muito poderá contribuir para que desse "lugar de onde se vê", se enxerguem também multiplicidades de formas de ser e estar no mundo. O bate-papo mediado por Mauro Morais teve as participações de Victor Narezi, representando a equipe de curadoria composta por ele, Elizete Gomes e Milena Siqueira; dos críticos Alexandre Mate e Dib Carneiro, além do sempre presente Secretário de Cultura Alcemir Palma. Palavras de reconhecimento, emoção e companheirismo prosseguiram o acolhimento do espetáculo, tendo o efeito de um terno abraço, mimado pelas palavras de Alexandre Mate citando (sempre lindamente) Clarice Lispector.